

BAHIA: ACUMULAÇÃO DE CAPITAL E COMÉRCIO EXTERIOR*

*Oswaldo Guerra***

Resumo: O presente trabalho analisa o comportamento do comércio exterior no Estado da Bahia com ênfase no período 1970-80. Esta análise nos permitiu visualizar as modificações que ocorreram na dinâmica da acumulação de capital no Estado. A entrada em operação do Pólo Petroquímico de Camaçari constitui-se num verdadeiro ponto de inflexão para a pauta de exportações baianas onde os produtos manufaturados passaram a ter papel predominante. Vale assinalar que, apesar dessa mudança estrutural da economia baiana, não se observa nenhuma ruptura na tradição superavitária do balanço comercial externo da Bahia, permitindo-nos afirmar que o crescimento industrial baiano foi suportado, basicamente, por importações internas.

Considerando a extrema integração que caracteriza as economias capitalistas nos dias atuais, torna-se imperioso analisar as transações comerciais que um determinado país ou região estabelece com o resto do mundo. A análise dessas transações nos permite, por um lado, entender as influências de fatores externos na economia doméstica e, por outro, visualizar as modificações que porventura tenham ocorrido na dinâmica da acumulação de capital do país ou região em estudo e/ou do seu papel na divisão internacional do trabalho. O estudo da evolução e transformação das relações comerciais da Bahia com o resto do mundo, por exemplo, complementarão análises que evidenciam as modificações ocorridas nos setores industriais e agrícolas do Estado, principalmente a partir de 1970.

* Este trabalho faz parte de um estudo mais amplo sobre desenvolvimento econômico na Bahia, realizado pelo autor para o CENPES/SEPLANTEC.

** Professor do Departamento de Teoria Econômica da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA.

Salientam-se na política brasileira de comércio exterior, anterior a 1964, dois aspectos:

- a) sua subordinação aos interesses da cafeicultura;
- b) a utilização quase exclusiva da política cambial como instrumento de política comercial.

Podemos afirmar que o processo de substituição de importações, como mecanismo propulsor da industrialização brasileira, efetivou-se na década de 50. Antes, a economia brasileira era fundamentalmente agrário-exportadora. Neste tipo de economia, “a taxa de câmbio – a despeito de submetida a pressões de natureza variada – tende a refletir, não propriamente os níveis médios de produtividade da economia como um todo, mas, essencialmente, os do seu setor exportador. A taxa cambial, refletindo preponderantemente os índices de produtividade da cafeicultura – as mais elevadas da época – tenderia a se situar numa altura que, inevitavelmente, teria de exercer fortes efeitos inibidores sobre as demais exportações do país, já que afetava, seriamente, a competitividade desses produtos nos mercados internacionais”. (7: 240)

A tabela seguinte nos dá uma indicação das exportações brasileiras entre 1947 e 1952:

TABELA 1
Exportações Brasileiras
(US\$ Milhões)

Anos	Total	Café	Outros
1947	1.152	422	730
1948	1.180	490	690
1949	1.096	631	465
1950	1.355	865	490
1951	1.769	1.058	711
1952	1.418	1.045	373

FONTE: DOELLINGER (6: 20).

Podemos observar que as exportações de café mais que dobraram ao passo que as demais exportações tiveram seu valor em dólares reduzido à metade. Sendo assim, a política cambial apresentava-se como um empecilho para as exportações não-cafeeiras. Cumpre, neste ponto, fazermos uma breve digressão teórica no sentido de situar o papel da taxa de câmbio no comércio internacional. Um preço de grande importância em uma economia aberta é o preço dos bens produzidos no resto do mundo, em termos de bens produzidos internamente. Se o preço dos bens que se produzem internamente cai em relação ao preço dos bens produzidos no exterior, então a demanda por bens domésticos tende a elevar-se, dinamizando a demanda agregada e o nível de atividade econômica. A esta relação dá-se o nome de preços relativos ou termos de troca, que pode ser denotada como

$$k = \frac{e \text{ PEX}}{\text{PIN}}$$

Onde:

e = Taxa de Câmbio dólar/cruzeiro

PEX = Preços Externos

PIN = Preços Internos

As valorizações cambiais, no período, diminuía a variável “e”, tornando os preços internos relativamente mais elevados que os externos, desestimulando as exportações agrícolas. Esta política cambial estava perfeitamente de acordo com as reivindicações dos setores sociais mais fortes politicamente à época. Ela favorecia a indústria nacional, barateando suas importações, e o café, mantendo elevada sua receita cambial. Esta última afirmação pode parecer paradoxal por termos dito há pouco que um câmbio valorizado aumenta os preços internos, tendendo a diminuir a demanda pelas exportações. Entretanto, no caso do café, precisamos recorrer à teoria microeconômica para que possamos entender por que esta política cambial beneficiava os cafeicultores. A condição de quase monopolista no mercado internacional de café, detida pelo Brasil à época, aliada à baixa elasticidade-preço da demanda do mesmo e sua crescente demanda internacional, permitiam que aumentos de preço possibilitassem aumentos da receita cambial. As demais exportações agrícolas não se beneficiavam dessa circunstância, o que diminuía a receita dos exportadores e das regiões não-produtoras de café, sendo o Norte e o Nordeste as mais prejudicadas.

A Tabela n. 2 é bem ilustrativa do argumento anteriormente desenvolvido. Observa-se uma perda de participação das regiões Norte e Nordeste e uma melhoria de posição do Sudeste e Sul. O crescimento da participação do Sul é explicado pela penetração cafeeira no Paraná.

TABELA 2
Exportações para o Exterior por Região
1946-1952

Anos	Participação (%)					Brasil
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
1946	3,60	15,57	67,95	12,77	0,11	100,00
1947	2,41	17,88	64,29	15,34	0,08	100,00
1948	1,29	18,59	65,62	14,44	0,06	100,00
1949	1,41	13,69	71,36	13,41	0,13	100,00
1950	1,43	14,30	69,29	14,97	0,04	100,00
1951	1,44	12,31	68,08	18,13	0,04	100,00
1952	1,00	8,62	69,52	20,83	0,03	100,00

FONTE: PIMES (7: 280).

Observando as exportações baianas, por grupos de produtos, é possível notar que, no período entre 1945 e 1964, o setor primário é responsável pela quase totalidade das exportações em termos de valor, salientando o caráter agrícola do Estado. Desagregando as exportações baianas por principais produtos, notamos o significativo papel do cacau e seus derivados na pauta de exportações, como atesta a tabela nº 4. A contribuição média desses produtos situa-se acima de 50%, sendo grande responsável pelo aumento da participação da agricultura na renda interna total da Bahia, que se eleva de 8,47 para 13,32% de 1950 a 1960(2: 60). Não podemos, entretanto, desconsiderar os problemas trazidos às exportações baianas pela política cambial. A taxa de câmbio fixa adotada desde 1946 constituía grave barreira às exportações não-cafeeiras. Com o advento das taxas múltiplas de câmbio — através da instrução nº 70 da SUMOC, de 1953 — as exportações ganham um novo impulso, ainda que prevalecesse até 1961 o chamado “confisco cambial”. Ritz Armin, estudando as exportações baianas, estima em 3,5% da renda interna as perdas da economia estadual decorrentes desse “confisco cambial”, sendo que o cacau se beneficia do mercado livre de câmbio apenas a partir de 1961. (1)

TABELA 3
Exportação por Grupos de Produtos – Bahia
1945 – 1964

Anos	Total Geral (Cr\$ 1.000)	Primários	Manufaturados	Outros
		%	%	%
1945	671	96,72	3,28	—
1946	1.319	99,70	0,30	—
1947	1.713	99,53	0,47	—
1948	1.626	99,88	0,12	—
1949	1.513	100,00	—	—
1950
1951	1.913	99,79	0,21	—
1952	1.762	99,89	0,11	—
1953	2.466	99,92	0,04	0,04
1954	5.295	99,90	0,04	0,06
1955	5.456	99,87	0,07	0,06
1956	5.047	99,80	0,12	0,08
1957	5.683	99,82	0,09	0,09
1958	9.051	99,88	0,05	0,07
1959	8.705	99,79	0,14	0,07
1960	16.119	99,86	0,09	0,05
1961	26.456	99,84	0,09	0,07
1962	29.071	99,59	0,17	0,24
1963	54.220	99,78	0,15	0,07
1964	98.579	99,70	0,20	0,10

FONTE: CPE/SEPLANTEC. (4:152)

TABELA 4
Participação do Cacau e Derivados na Exportação Total – Bahia
1951-1964

Anos	Cacau em Amêndoas (%)	Manteiga de Cacau (%)	Torta de Cacau (%)	Outros (%)
1951	63,36	7,95	1,78	1,20
1952	65,66	4,31	1,02	0,57
1953	57,99	13,02	1,74	4,54
1954	74,05	4,10	1,00	2,76
1955	64,63	7,33	3,63	2,49
1956	54,19	11,21	2,85	0,65
1957	49,83	19,07	1,02	1,50
1958	39,34	13,63	1,28	0,06
1959	46,20	25,63	5,31	0,26
1960	35,46	15,25	2,69	0,23
1961	29,15	10,92	1,22	0,11
1962	26,97	19,85	0,60	0,08
1963	35,26	16,03	0,58	0,06
1964	39,20	11,00	0,65	0,09

FONTE: CPE/SEPLANTEC (4: 152)

O ano de 1964 pode ser considerado como um verdadeiro ponto de inflexão na política de comércio exterior em favor da promoção das exportações. Os três instrumentos principais utilizados nessa nova fase foram as desvalorizações cambiais e os incentivos fiscais creditícios. O impacto das medidas tomadas na área de promoção às exportações pode ser avaliado comparando-se a evolução das exportações totais do Brasil em três distintos períodos. De pós-guerra até 1953, as exportações cresceram a uma taxa anual média de 6,6%; de 1953 a 1963, decresceram a uma taxa negativa de -0,8% e, finalmente, de 1964 a 1970, o crescimento se deu a uma taxa anual média de 11,4% (6: 51).

TABELA 5
A Evolução das Exportações Brasileiras de Manufaturados
1953-70

Período	Participações (%)
1953	0,6
1954	0,6
1955	1,7
1956	0,9
1957	0,9
1958	1,0
1959	1,0
1960	1,7
1961	2,7
1962	2,7
1963	2,7
1964	4,9
1965	7,0
1966	5,6
1967	8,6
1968	6,9
1969	7,9
1970	11,2

FONTE: DOELLINGER. (5: 75)

Vale assinalar que, nesse esforço de promoção de exportações, procurou o Governo dar especial ênfase aos produtos manufaturados, que, de uma participação insignificante em 1953, atingiram 11,2% em 1970. Se para a economia brasileira a estratégia de diversificação da pauta de exportações alcançou sucesso, o mesmo não pode ser dito para a economia baiana, pelo menos até o ano de 1973, como demonstra a tabela seguinte.

TABELA 6
Evolução da Participação de Manufaturados
no Total das Exportações
Bahia — 1965-73

Período	Participações (%)
1965	0,28
1966	0,24
1967	0,17
1968	0,33
1969	0,57
1970	1,59
1971	2,56
1972	3,94
1973	2,49

FONTE: CPE/SEPLANTEC. (4: 153)

Voltando a agregar as exportações brasileiras e destacando sua distribuição regional por região de embarque,* é possível observar uma perda de participação relativa do Nordeste no chamado “esforço nacional de exportações”. Nota-se claramente a acentuada perda de participação da região Nordeste que reduziu sua contribuição de 15,6% em 1964 para pouco mais de 9% em 1976. A região Sudeste, por sua vez, apesar de uma leve diminuição em termos participativos, continua responsabilizando-se por mais de 50% das exportações brasileiras. Essa tabela reflete a própria divisão nacional do trabalho por regiões. À medida que a Região Nordeste enfrenta dificuldades para diversificar sua pauta de exportações — do que a Bahia é um bom exemplo — e considerando as maiores variações de preço a que estão sujeitas as suas exportações tradicionais (açúcar, cacau, sisal, algodão, etc.), tem-se, conseqüentemente, uma maior possibilidade de a região ver crescer sua receita

* A tabela nº 7, que contém esses dados, pode possuir algumas distorções na medida em que uma região de embarque não é necessariamente uma região de produção.

de exportações externas de maneira menos circunstanciada. Uma boa ilustração para este argumento foi a extraordinária subida dos preços do açúcar em 1974. Se observarmos a tabela nº 7, a participação do Nordeste, nesse ano, cresceu para 17,7%, contrastando com os 11,8% de 1973.

TABELA 7
Distribuição Regional das Exportações por Regiões de Embarque

Regiões	Anos						
	1964	1968	1970	1973	1974	1975	1976
Norte	2,9	3,7	2,9	1,9	2,3	2,4	2,1
Nordeste	15,6	14,9	13,9	11,8	17,7	16,7	9,2
Sudeste	57,7	53,3	54,8	54,0	52,9	50,2	54,1
Sul	23,7	27,9	28,0	31,6	26,0	29,1	33,4
Centro-Oeste	0,2	0,2	0,3	0,7	1,2	1,2	1,2
Brasil	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: PIMES. (7: 294)

A situação da economia baiana, antes descrita, no que se refere à pouca diversificação de sua pauta de exportações, começa a alterar-se com o funcionamento do Pólo Petroquímico de Camaçari, que dá uma nova dinâmica às relações exteriores do Estado. Antes de analisarmos a pauta das exportações da Bahia, vejamo-las de maneira agregada. A tabela nº 8 nos permite observar a significativa participação do Estado no valor total das exportações nordestinas. Estas apresentam uma participação média, no período, superior a 50%. Apesar desse novo impulso, nas relações externas baianas, não é lícito afirmar que a economia da Bahia seja primordialmente voltada para o exterior. Se compararmos o seu grau de abertura externa com esse mesmo conceito do ponto de vista interestadual, evidencia-se a grande supremacia deste último.*

* Grau de abertura é uma relação entre a participação do comércio exterior ou interestadual e o PIB.

TABELA 8
Exportações do Brasil, Nordeste e Bahia
1974-82

Anos	US\$ Milhões – FOB			% do Estado S/o Valor	
	Brasil	Nordeste	Bahia	Brasil	Nordeste
1974	7.951	1.405	532	6,7	27,9
1975	8.670	1.447	518	6,0	35,8
1976	10.128	932	526	5,2	56,4
1977	12.120	1.481	903	7,5	61,0
1978	12.659	1.604	1.023	8,1	63,0
1979	15.244	1.894	1.157	7,6	61,1
1980	20.132	2.228	1.081	5,4	48,5
1981	23.293	2.608	1.260	5,4	48,3
1982	20.175	1.916	1.050	5,2	54,8

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3: 13)

TABELA 9
Grau de Abertura da Economia Baiana

Anos	Grau de Abertura		
	Externa	Interestadual	Total
1976	6,9	24,2	31,1
1978	8,2	24,4	32,6
1979	8,2	23,6	31,8
Média	7,8	24,1	31,8

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3: 16)

Voltando à Tabela nº 8, visualizamos uma contínua queda das exportações baianas, nos últimos anos, em relação às exportações brasileiras. A explicação para esse comportamento poderá ser mais elucidativa se analisarmos a pauta das exportações da Bahia e a conjuntura internacional.

TABELA 10
Exportações Externas Baianas por Grupos de Produtos (%)

Discriminação	1980	1981	1982	1º Semestre ou 1983
Produtos Básicos	33,5	25,8	23,9	16,7
Prod. Industrializados	65,8	73,6	75,4	82,5
– Semimanufaturados	43,0	34,7	26,6	20,8
– Manufaturados	22,8	38,9	49,8	61,6
Operações Especiais	0,7	0,6	0,6	0,8
Total Geral	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3:105)

A observação da tabela anterior nos indica a crescente participação dos produtos industrializados nas exportações baianas, destacando-se, dentre estes, os manufaturados. O extraordinário crescimento das exportações desses produtos deve ser creditado basicamente às empresas petroquímicas. A comparação do atual papel dos manufaturados com o que prevalecia até 1973 (Tabela nº 6) explicita, seguramente, as profundas transformações que se processaram na estrutura econômica do Estado da Bahia, na dinâmica do seu processo de acumulação e na nova divisão do trabalho, em nível local. Vale a pena chamar a atenção para um importante aspecto: o cacau e seus derivados beneficiados, que compõem a pauta dos semimanufaturados, ainda são os principais produtos das exportações baianas, sendo os seus preços internacionais de significativa importância para o valor das exportações da Bahia.

As tabelas, a seguir, nos auxiliarão no desenvolvimento deste argumento. Verifica-se, na Tabela nº 11, a significativa participação dos produtos do cacau que atingem o auge no período 1977/79. Dentre esses produtos, o cacau em amêndoas é o de maior participação, alcançando, no ano de 1977, 43,2% do total exportado da Bahia.⁵ Considerando tal fato, é importante que procuremos analisar a evolução dos preços médios internacionais do cacau, porque estes balizarão o comportamento das exportações baianas, assim como sua participação no total das exportações brasileiras.

TABELA 11
Exportação Baiana de Cacau e Derivados
1974-83

Anos	Cacau e Derivados	
	US\$ 1.000.000 FOB	% Sobre o Total do Estado
1974	319	58,0
1975	285	59,1
1976	317	59,9
1977	663	75,3
1978	717	71,5
1979	845	84,2
1980	602	53,3
1981	502	44,1
1982	398	34,9
1983	496	33,9

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3: 14)

Destaca-se, na Tabela nº 12, o crescimento ocorrido nos preços internacionais do cacau entre 1977 e 1979. Se a cotejarmos com as tabelas 8 e 11, detectaremos uma correlação positiva entre preços internacionais do cacau, exportações totais baianas e a sua participação em relação ao Nordeste e ao Brasil. Explica-se, assim, a diminuição observada na tabela nº 8, das exportações baianas em relação às brasileiras, apesar do crescimento das exportações de manufaturados e semimanufaturados. Apesar dessa redução, da crise internacional, de algumas medidas protecionistas adotadas pelos países centrais e da própria mudança estrutural da economia baiana, não se observou nenhuma ruptura na tradição superavitária do balanço comercial externo da Bahia.

TABELA 12
Evolução dos Preços Médios do Cacau em Amêndoas
1974-83

Anos	US\$/t)
1974	1.010
1975	707
1976	913
1977	2.116
1978	3.384
1979	3.139
1980	2.378
1981	1.934
1982	1.546
1983	1.853

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3:33)

O crescimento industrial da Bahia, que poderia ter requerido significativas importações externas de equipamentos e matérias-primas, foi suportado por importações internas. No trabalho publicado pelo CEI,⁶ encontramos a este respeito o seguinte comentário: "Do total dos estabelecimentos industriais do gênero químico existentes em 1980, 61% entrou em funcionamento de 1975 a 1980, provocando aumento das importações de equipamentos na fase de instalação e de matérias-primas, na fase de funcionamento. Considerando a taxa de crescimento dos valores, pode-se dizer que não foi alta. As restrições às importações e ao financiamento das compras no exterior, postas em prática a partir de 1974 pelo governo brasileiro, podem ter levado as indústrias químicas a buscar alternativas de substituição de importação de equipamentos e matérias-primas na própria indústria brasileira".

TABELA 13
 Balanço Comercial Externo da Bahia
 US\$ 1.000 – FOB
 1967-82

Anos	Exportação	Importação	Saldo
1967	128.407	24.829	103.578
1968	113.099	39.429	73.670
1969	196.298	34.540	161.758
1970	163.844	50.085	113.759
1971	152.776	80.104	72.672
1972	186.553	101.168	85.385
1973	290.964	147.396	143.568
1974	532.527	181.212	351.315
1975	518.435	257.637	260.798
1976	526.122	339.622	186.500
1977	903.442	420.938	482.504
1978	1.023.057	407.165	615.892
1979	1.157.057	666.450	490.607
1980	1.081.529	787.198	294.331
1981	1.259.975	571.216	688.759
1982	1.049.864	592.778	457.086

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3:101)
 CEI/SEPLANTEC. (3:197)

A evidência definitiva para esse raciocínio nos é dada pela comparação entre a participação das importações externas e internas no PIB baiano. Entre o período 1974-79, o maior coeficiente percentual entre importações externas e PIB foi de 6%, mostrando a pouca contribuição das importações estrangeiras na criação da renda interna baiana.

TABELA 14
Participação das Importações no PIB
Preços Correntes
1974-80

Anos	PIB (1)	Importações		Coeficientes	
		Internas (2)	Externas (3)	2/1	3/1
1974	28.637.730	9.171.401	1.027.416	32,0	4,1
1975	42.727.281	10.800.126	2.079.310	25,3	4,9
1976	67.081.860	17.163.221	3.669.634	25,6	5,5
1977	104.944.800	25.046.300	6.077.901	23,9	5,8
1978	158.599.333	37.113.658	7.670.402	23,4	4,8
1979	280.992.817	58.689.012	16.826.789	20,9	6,0
1980	575.029.831	100.097.969	...	17,4	...

FONTE: CEI/SEPLANTEC. (3: 56)

Concluindo, diríamos que a análise do comércio exterior baiano nos permitiu vislumbrar, com nitidez, as significativas alterações ocorridas no processo de acumulação de capital no Estado da Bahia e o seu novo papel na divisão inter-regional do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARMIN, Ritz. **As Exportações internacionais e inter-regionais no desenvolvimento econômico da Bahia**. Salvador, UFBa, 1972.
2. AZEVEDO, J.S.G. **Industrialização e incentivos fiscais na Bahia: uma tentativa de interpretação histórica**. Salvador, UFBa, 1975. (Dissertação de mestrado, UFBa).
3. CEI/SEPLANTEC. **Relações comerciais – 1970/83. Estudos sócio-econômicos**, Salvador (2), 1984.
4. CPE/SEPLANTEC. **105 anos de economia baiana: estatísticas básicas**. Salvador, 1979. v.2.
5. DOELLINGER, Carlos Von et alii. **Exportações dinâmicas brasileiras**. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1971. (Coleção Relatórios de Pesquisa, 14).
6. ————. **Transformação da estrutura das exportações brasileiras: 1964/70**. Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1973. (Coleção Relatórios de Pesquisa, 16).
7. PIMES. **Desigualdades regionais no desenvolvimento brasileiro**. Recife, UFPe/IPEA/SUDENE, 1984. v.2.

Abstract: This work presents an analysis of the international trade in the state of Bahia, with emphasis on the period 1970/80. As essential finding resulting from the analysis, it stands out the changes in the dynamic of the capital accumulation. As a matter of fact, the Camaçari Petrochemical Pole has become an inflection point in the exports structure of the state, since the industrial products increased its share in total exports. In spite of the structural changes of the local economy, we have not observed any break in the traditional superavit in external trade balance of the state. Therefore, we can say that the local industrial growth was supported, essentially, by means of interstate imports.
